

KEVIN POWERS

Pássaros amarelos

Tradução
Donaldson M. Garschagen



Copyright © Kevin C. Powers 2012
Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Yellow Birds

Capa
Elisa von Randow

Ilustração de capa
<completar>

Preparação
Mariana Delfini

Revisão
Valquíria Della Pozza
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Powers, Kevin
Pássaros amarelos / Kevin Powers ; tradução : Donaldson M. Garschagen. — 1ªed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Yellow Birds
ISBN 978-85-359-2277-6

1. Ficção norte-americana 2. Guerra do Iraque, 2003-2011
- Ficção 3. Soldados - Estados Unidos - Ficção 1. Título.

13-04513

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1. Setembro de 2004

Al Tafar, província de Nínive, Iraque

A guerra tentou nos matar na primavera. Enquanto a grama enverdecia as planícies de Nínive e o calor aumentava, patrulhávamos as colinas que rodeavam as cidades e vilas. Caminhávamos por elas e pelo mato alto levados pela fé, abrindo trilhas na vegetação exposta aos ventos como os pioneiros do Oeste americano. Enquanto dormíamos, a guerra esfregava suas mil costelas no chão, em oração. Quando avançávamos ainda mais, levados pela exaustão, os olhos dela se mantinham brancos e abertos na escravidão. Quando comíamos, a guerra jejuava, alimentada por sua própria privação. Fazia amor, dava à luz e se espalhava pelo fogo.

Depois, no verão, a guerra tentou nos matar quando o calor desbotou todas as cores nas planícies. O sol nos entrava pela pele, e a guerra mandava seus cidadãos para a sombra de prédios brancos. Lançava sobre tudo uma sombra branca, como se fosse um véu sobre nossos olhos. Tentou nos matar a cada dia, mas não teve êxito. Não que nossa segurança estivesse predeterminada. Não estávamos destinados a sobreviver. Na verdade, não tínhamos destino algum. A guerra levaria o que pudesse. Era paciente.

Não lhe interessavam objetivos ou fronteiras, se a pessoa era amada por muitos ou por ninguém. Quando eu dormia, naquele verão, a guerra me aparecia em sonhos e me mostrava seu único desejo: continuar, só continuar. E eu sabia que a guerra faria o que bem entendesse.

A guerra já havia matado milhares em setembro. Os corpos se estendiam pelas avenidas esburacadas a intervalos irregulares. Ocultavam-se em becos, eram encontrados em pilhas inchadas nas depressões entre as colinas fora das cidades, com os rostos inchados e verdes, alérgicos agora à vida. A guerra fizera o possível para nos matar a todos: homens, mulheres e crianças. No entanto, matara menos de mil soldados como eu e Murph. Esses números ainda significavam alguma coisa para nós no começo do que seria o outono. Murph e eu tínhamos combinado. Não queríamos ser o milésimo morto. Se morrêssemos depois, teríamos morrido e pronto. Mas que esse marco histórico coubesse a outro.

Mal nos demos conta da mudança quando setembro chegou. Mas hoje eu sei que foi então que começou tudo o que há de ser importante na minha vida. Talvez o dia tenha nascido um pouco mais tarde na cidade de Al Tafar, abrindo caminho no escuro, como sempre fazia, entre as formas esguias dos telhados e as calçadas angulosas. O sol batia nos prédios da cidade, brancos e beges, feitos de tijolos de argila e cobertos com chapas de metal corrugado ou lajes de concreto. O céu era vasto, pontilhado de catacumbas de nuvens. Uma brisa fresca soprava das encostas distantes que tínhamos patrulado o ano todo. Passava sobre os minaretes que se erguiam sobre a cidadela, corria por becos em que toldos verdes se agitavam, percorria os campos nus em volta da cidade e por fim morria de encontro às construções dispersas de onde eriçávamos nossos fuzis. Nossa pelotão se movia de um lado para outro em sua posição na laje, manchas cin-

zentas contra a luz que precedia a aurora. Ainda estávamos no fim do verão, e acho que era domingo. Esperávamos.

Por quatro dias tínhamos rastejado na poeira grossa da laje. Escorregávamos e deslizávamos num tapete de cartuchos soltos, restos de combates dos dias anteriores. Enroscados em posições absurdas, nos protegíamos atrás das muretas caiadas de nosso posto. Anfetaminas e medo nos mantinham acordados.

Ergui o corpo e procurei olhar por cima da mureta, tentando divisar algo na pequena área do mundo pela qual éramos responsáveis. As casas baixas além do campo tremeluziam no esverdeado do meu visor. Havia corpos espalhados, resultado dos quatro dias de combates no espaço que ficava entre as nossas posições e o resto de Al Tafar. Jaziam no pó, quebrados, despedaçados e curvos, com as túnicas brancas escurecidas pelo sangue. Alguns fumegavam entre arbustos de zimbro e tufo ralo de grama, e havia no ar o cheiro intenso de uma mistura de carvão e óleo de máquinas e também dos corpos que queimavam no ar fresco da manhã.

Virei-me, voltei a me encolher atrás da mureta e acendi um cigarro, protegendo a brasa com a mão em concha. Dei tragadas profundas, soprando a fumaça para a laje, onde ela se espalhou, depois subiu e desapareceu. A cinza cresceu na ponta do cigarro e tive a impressão de que muito tempo se passou antes que ela caísse no chão.

O resto do pelotão na laje começou a se mexer e a se acotovelar na penumbra cintilante do alvorecer. Sterling debruçou-se com o fuzil sobre a mureta, adormecendo e despertando durante toda a nossa vigília. De vez em quando balançava a cabeça para trás e se virava para ver se alguém tinha percebido. Dirigiu-me um sorriso desgrenhado na escuridão agora menos fechada, tirou o dedo do gatilho e passou tabasco nos olhos para se manter

acordado. Voltou-se de novo em direção a nosso setor, e deu para ver seus músculos se retesarem atrás do equipamento.

A respiração de Murph era um consolo constante ao meu lado. Eu me acostumara a ela, à maneira como ele pontuava o ritmo da respiração com uma hábil cusparada numa poça de líquido escuro que parecia sempre crescer entre nós. Ele sorriu para mim. “Quer um pouco de fumo, Bart?” Fiz que sim com a cabeça. Ele me passou uma lata de fumo de mascar Kodiak, e meti o tabaco na boca, apagando o cigarro. O fumo molhado ardeu e fez meus olhos lacrimejarem. Cuspi na poça que havia entre nós. Eu estava acordado. Na luz cinzenta da madrugada, a cidade se definiu. Bandeiras brancas pendiam aqui e acolá das janelas das casas que ficavam no campo, para lá dos corpos. Formavam um estranho crochê em que vidros quebrados emolduravam os recessos escuros das janelas. As próprias janelas se abriam em casas caiadas cada vez mais brilhantes ao sol. A névoa rala sobre o Tigre começava a se dissipar, revelando os poucos sinais de vida ainda restantes, e a brisa suave vindia dos morros ao norte agitava os farrapos brancos de trégua sobre aqueles mesmos toldos verdes.

Sterling bateu no mostrador do relógio. Sabíamos que em pouco tempo o canto do muezim se faria ouvir, chilreando sua sombria trama de tons menores do alto dos minaretes, chamando os fiéis à oração. Era um sinal, e sabíamos o que significava: que tinham se passado horas, que tínhamos chegado mais perto de nosso objetivo, tão vago e incompreensível quanto as alvoradas e os ocasos indistinguíveis com os quais ele chegava.

“De pé, pessoal!”, avisou o tenente, num murmúrio enérgico.

Murph sentou-se e pingou devagar uma gotinha de lubrificante no mecanismo do fuzil. Carregou um pente e encostou o cano da arma na mureta. Lançou um olhar para os cantos escuros onde as ruas e becos se abriam para o campo à nossa frente. Eu

via seus olhos azuis, com o branco tracejado de vermelho. Tinham recuado para o fundo das órbitas nos últimos meses. Havia momentos em que eu olhava para ele e só via duas sombras pequenas, dois buracos vazios no rosto. Destravei o ferrolho, para carregar o fuzil, e fiz um sinal de cabeça para ele. “Lá vamos nós de novo”, disse. Ele sorriu com o canto da boca. “A merda de sempre”, respondeu.

Quando chegamos àquele prédio, nas primeiras horas de combate, a lua se reduzia a uma lasquinha. Nenhuma luz acesa. Arremetemos nosso veículo contra o frágil portão de metal que um dia tinha sido pintado de vermelho escuro, mas que agora estava tão enferrujado que era difícil dizer o que era tinta vermelha e o que era ferrugem. Quando a rampa do veículo baixou, corremos para a porta. Alguns soldados do primeiro grupo de combate foram para os fundos, e o resto do pelotão se aglomerou na frente. Chutamos as duas portas ao mesmo tempo e entramos correndo. O prédio estava vazio. Ao revistarmos cada cômodo, as lâmpadas presas na ponta dos fuzis formavam estreitos cilindros na escuridão, mas não eram fortes o bastante para enxergarmos muita coisa. As luzes mostravam a poeira que tínhamos levantado. Havia cadeiras reviradas em alguns cômodos e tapetes coloridos pendendo sobre os peitoris das janelas, cujas vidraças tinham sido estilhaçadas por disparos. Em outros cômodos tivemos a impressão de ver alguém e gritamos para as pessoas que não estavam lá que se atirassem ao chão. Revistamos assim cada cômodo até chegarmos ao terraço. De lá, olhamos para o campo. Ele era plano e poeirento, e a cidade atrás estava às escuras.

Ao amanhecer do primeiro dia, nosso intérprete, Malik, foi até a laje de concreto onde eu estava, recostado na mureta, e sentou-se ao meu lado. Ainda não estava claro, mas parecia estar,

porque o céu estava branco como fica quando neva muito. Escutamos sons de combate do outro lado da cidade, mas a luta ainda não tinha chegado até nós. Só o barulho de foguetes e metralhadoras e helicópteros que ao longe desciam quase na vertical nos mostrava que estávamos numa guerra.

“Era neste bairro que eu morava”, disse Malik.

O inglês dele era ótimo. Havia em sua voz algo de gutural, mas pouco. Muitas vezes eu lhe pedia que me ajudasse com meu parco árabe, tentando pronunciar direito uma ou outra palavra. “Shukran.” “Afwan.” “Qumbula.” *Obrigado. Não há de quê. Bomba.* Ele me ajudava, mas sempre encerrava nossos diálogos dizendo: “Meu amigo, eu preciso falar inglês. Para treinar”. Malik frequentava a universidade antes da guerra, queria se formar em literatura. Quando a universidade fechou, ele nos procurou. Chegou com um capuz que lhe cobria parte do rosto, calça cáqui e uma camisa social desbotada que parecia ser passada a ferro todos os dias. Nunca tirava o capuz. Na única vez em que Murph e eu lhe perguntamos a respeito, ele traçou uma linha no pescoço com o indicador. “Eles vão me matar por ajudar vocês. Vão matar toda a minha família.”

Murph se abaixou e veio trotando do outro lado da laje, onde estivera, desde nossa chegada, ajudando o tenente e Sterling a montar a metralhadora. Vendo seus movimentos, tive a impressão de que a planura do deserto o deixava nervoso, de que por algum motivo as silhuetas das colinas à distância tornavam ainda mais insuportável a grama parda e seca da planície aluvial.

“Você sabia, Murph?”, perguntei. “Era por aqui que Malik morava.”

Murph se abaixou ainda mais e sentou junto da mureta. “Em que lugar?”

Malik se levantou e apontou para uma fileira de prédios que pareciam crescer organicamente em grupos estranhos, não exa-

tamente a noventa graus do chão. Ficavam depois do campo, no começo de nosso setor. Um pouco além dos arrabaldes de Al Tafar havia um pomar. Viam-se fogueiras em tambores de aço e montes de lixo, fogueiras que surgiam de repente, aparentemente sem causa, em torno da cidade. Murph e eu não nos levantamos, mas vimos para onde Malik apontava.

“A sra. Al-Sharifi plantava jacintos neste campo.” Malik estendeu os braços para a frente e abriu-os num gesto amplo que me lembrou uma convocação.

Murph estendeu a mão para o punho da camisa bem passada de Malik. “Cuidado, rapaz. Você pode ser visto.”

“Ela era uma viúva muito doida.” Malik tinha as mãos nos quadris e os olhos vidrados de exaustão. “As mulheres do bairro tinham muito ciúme dessas flores.” Malik riu. “Acusavam-na de fazer feitiços para que as flores crescessem tanto.” Fez uma pausa e apoiou as mãos na mureta de barro em que nos encostávamos. “As flores se queimaram na batalha do último outono. E ela não replantou os jacintos este ano”, concluiu, bruscamente.

Tentei imaginar como seria viver ali, mas não consegui, mesmo depois de ter patrulhado as mesmas ruas de que Malik falava, tomado chá nos pequeninos barracos de barro e sentido minhas mãos presas nas mãos de veias finas dos velhos e velhas que moravam ali. “Está certo, cara”, eu disse, “mas você vai levar um tiro na bunda se não se abaixar.”

“É uma pena vocês não terem visto esses jacintos”, disse ele.

E aí começou. Foi como se a passagem de um momento para o seguinte tivesse sua própria trajetória, uma coisa ao mesmo tempo finita e expansiva, como a visibilidade infinita de números dispostos em fila. As balas traçadoras vinham de todos os espaços escuros dos prédios do outro lado do campo, e havia muito mais balas do que riscos de fosforescência. Ouvimos o som cortante dos projéteis no ar, passando por nossos ouvidos para

irem se chocar contra os tijolos e o concreto. Não vimos Malik ser morto, mas o uniforme de Murph e o meu ficaram cobertos do sangue dele. Quando recebemos a ordem de cessar-fogo, olhamos por cima da mureta: ele estava deitado na poeira, com muito sangue a seu redor.

“Ele não conta, não é? Ou conta?”, perguntou Murph.

“Não. Acho que não.”

“Em que número estamos?”

“Nove-meia-oito? Nove-setenta? A gente vai precisar olhar no jornal quando voltar.”

A crueldade da minha ambivalência não me surpreendeu na época. Nada parecia mais natural do que alguém ser morto. E hoje, da minha posição segura numa cabana aquecida perto de um ribeirão límpido nas montanhas Blue Ridge, refletindo sobre como eu me sentia e me comportava aos vinte e um anos, só consigo dizer a mim mesmo que aquilo era necessário. Eu precisava continuar vivo. E, para continuar vivo, eu tinha de ver o mundo com olhos bem lúcidos, focar a vista no essencial. Só prestamos atenção em coisas raras, e a morte não era rara. Rara era a bala em que estava gravado o seu nome, a armadilha explosiva enterrada no chão à sua espera. Essas eram as coisas que procurávamos ver.

Não pensei muito em Malik depois daquilo. Ele era uma figura acessória que só parecia existir em sua relação com a manutenção da minha vida. Eu não tinha como articular isso naquele tempo, mas havia sido treinado para pensar que a guerra era a grande unificadora, que mais que qualquer outra atividade no mundo ela aproximava as pessoas umas das outras. Besteira. A guerra era a grande produtora de solipsistas: como é que você vai salvar a minha vida hoje? Uma das maneiras de fazer isso se-

ria morrer. Se você morre, fica mais difícil que aconteça comigo. Você não é nada, esse é o segredo: um uniforme num mar de números, um número num mar de poeira. E de certa forma olhávamos esses números como um sinal de nossa própria insignificância. Achávamos que se fôssemos iguais a todos os demais não morreríamos. Confundíamos correlação com causa e víamos um significado especial nos retratos dos mortos que saíam nos jornais, diagramados ordenadamente junto do número correspondente a seu lugar na lista crescente de baixas, como indicadores de uma guerra organizada. Tínhamos a sensação, uma coisa que só sentíamos no relâmpago fugaz que passa de uma sinapse para outra, de que esses nomes constavam da lista já muito antes da chegada de seus portadores ao Iraque. De que esses nomes iam parar ali assim que se tiravam os retratos, que se atribuía um número, que se designava um lugar. E que eles tinham estado mortos daquele momento em diante. Quando víamos o nome sgt. Ezekiel Vásquez, vinte e um, Laredo, Texas, nº 748, morto por fogo de arma portátil em Baquibah, Iraque, tínhamos plena certeza de que ele caminhara como um fantasma durante anos pelo sul do Texas. Achávamos que ele já estava morto no voo para o Iraque, que se ele sentiu medo quando o C-141 que o levava para o Iraque deu uma guinada sobre o céu de Bagdá, esse medo tinha sido desnecessário. Ele nada tinha a temer. Tinha sido absolutamente invencível até o dia em que deixou de ser. O mesmo em relação à especialista Miriam Jackson, dezenove, Trenton, Nova Jersey, nº 914, morta em decorrência de ferimentos sofridos num ataque de morteiro em Samarra, no Centro Médico Regional de Landsthal. Estábamos contentes. Não por ela ter sido morta, mas por isso não ter acontecido conosco. Esperávamos que tivesse sido feliz, que tivesse tirado proveito de seu status especial antes que inevitavelmente se visse debaixo

daquele morteiro quando saiu para pendurar o uniforme recém-lavado no varal atrás do contêiner em que morava.

Estávamos enganados, é claro. Nosso maior erro foi ter dado importância ao que pensávamos. Hoje parece absurdo que víssemos cada morte como uma afirmação de nossa vida. Que cada uma daquelas mortes pertencesse a um dado momento e que, portanto, aquele momento não era o nosso. Não sabíamos que a lista era ilimitada. Não pensávamos além de mil. Jamais cogitamos que pudéssemos estar também entre os mortos-vivos. Eu achava que viver nessa contradição talvez houvesse guiado minhas ações, e que uma decisão tomada ou não tomada de acordo com essa filosofia poderia me pôr na lista dos mortos ou me tirar dela.

Hoje eu sei que não é assim. Não havia balas com meu nome gravado, ou com o nome de Murph. Não havia bombas feitas para nós. Qualquer uma delas poderia ter nos matado, do mesmo modo que mataram os donos daqueles nomes. Não havia um momento ou um lugar designado para nós. Parei de pensar naqueles centímetros da minha cabeça para a esquerda ou para a direita, na diferença de cinco quilômetros por hora que nos teria posto exatamente em cima de uma bomba caseira. Isso nunca aconteceu. Eu não morri. Murph morreu. E embora eu não estivesse presente quando isso aconteceu, acredito piamente que, quando Murph foi morto, as facas sujas que o golpearam eram dirigidas “a quem interessar possa”. Nada fazia de nós pessoas especiais. Não o fato de estarmos vivos. Não o de morrermos. Nem mesmo o de sermos pessoas iguais às demais. Ainda assim, gosto de pensar que naquela época havia em mim um fantasma de sensibilidade, e que se eu tivesse tido oportunidade de ver aqueles jacintos teria prestado atenção neles.

O corpo de Malik, amassado e quebrado na base do prédio, não me chocou. Murph me passou um cigarro e nós nos deitamos de novo junto da mureta. Mas eu não conseguia parar de pensar

numa mulher que a conversa de Malik trouxera à minha memória, que nos servira chá em xicrinhas meio manchadas. A lembrança parecia incrivelmente distante, sepultada no pó, à espera de que alguma vassoura a descobrisse. Lembrei-me de como ela tinha ruborizado e sorrido, e de como era impossível que não parecesse bonita, apesar da idade, da barriga, de alguns dentes escuros e da pele parecida com o barro seco e rachado do verão.

Talvez aquilo fosse desse jeito: um campo coberto de jacintos. Não era desse jeito quando atacamos o prédio, não era desse jeito quatro dias depois que Malik morreu. As gramíneas verdes que a brisa balançava estavam crestadas pelo fogo e pelo verão. Chegara ao fim a festa das pessoas na rua do mercado, com suas longas túnicas brancas e suas vozes sonoras. Algumas jaziam mortas nos pátios da cidade ou em seu labirinto de vielas. As restantes participavam de caravanas morosas, seguindo a pé ou dirigindo latas-velhas laranja ou brancas, ou em carroças puxadas por burros ou em duplas ou trios de mulheres e homens, velhos e jovens, sãos e feridos. Toda a vida de Al Tafar abandonou a cidade num lastimoso desfile. Passaram por nossos portões, por barreiras de concreto e plataformas de artilharia, em direção aos morros secos de setembro. Não erguiam os olhos durante as horas em que vigorava o toque de recolher. Eram uma linha colorida salpicada na escuridão e estavam indo embora.

Um rádio estalou no andar de baixo. O tenente passou calmamente o relatório de situação a nosso comando. “Sim, senhor”, disse. “Recebido e entendido, senhor”, e o informe foi retransmitido a cada nível mais distante de nós, até que, tenho certeza, alguém foi informado, numa sala quente, seca e segura, de que dezoito soldados haviam patrulado os becos e as ruas de

Al Tafar durante a noite e um número X de inimigos jazia morto num campo poeirento.

O dia já quase irrompera sobre a cidade e sobre as cristas no deserto quando o barulho de estática do rádio foi substituído pelo som das botas do tenente subindo a escada para a laje. Meros vultos indefinidos ganharam forma, e a cidade, vaga e imaginária à noite, tornou-se algo concreto e substancial diante de nós. Olhei para o oeste. Tons de castanho e verde surgiam na luz. O cinza das paredes de barro, casas e pátios, dispostos em favos baixos, retrocedia ao sol nascente. Um pouco para o sul, algumas fogueiras ardiam no pomar de árvores frutíferas raquíticas e ordenadas. A fumaça subia através de um dossel meio ralo de folhagem, pouco mais alto do que um homem, deixando-se levar, obediente, pelo vento que vinha do vale.

O tenente chegou à laje e abaixou-se, avançando com um andar desengonçado, o tronco paralelo ao chão, batendo os pés com força, até chegar à mureta. Sentou-se de costas para ela e chamou-nos com um gesto para junto de si.

“Muito bem, rapazes. O negócio é o seguinte.”

Murph e eu nos apoiamos um no outro até que o peso de nossos corpos encontrasse o ponto de equilíbrio. Sterling aproximou-se mais do tenente e fixou os olhos num fulgor ofuscante que cruzava a laje em que estávamos. Olhei para o tenente, que falava. Seu olhar estava turvo. Antes de continuar, ele deu um suspiro breve mas forte e esfregou com dois dedos uma erupção na pele, cor de framboesa desbotada. A erupção cobria uma pequena região oval que começava na fronte, descia pela bochecha esquerda e parecia seguir o caminho arredondado da órbita ocular.

O tenente era, por natureza, uma pessoa reservada. Nem me lembro de onde era. Havia nele alguma coisa reprimida, alguma coisa mais do que uma simples opção pelo distanciamento. Não era elitismo. Ele parecia um homem incompreensível, ou um

tanto desorientado. Suspirava com frequência. “Vamos ficar aqui até mais ou menos o meio-dia”, disse. “O terceiro pelotão vai vasculhar os becos que estão a noroeste e tentar empurrar o inimigo aqui para a nossa frente. Com sorte, eles ficarão assustados demais para atirar muito em nós antes que a gente...” Fez uma pausa, tirou a mão do rosto, remexeu nos bolsos por baixo do colete à prova de balas, à procura de um cigarro. Dei-lhe um dos meus. “Obrigado, Bartle”, ele disse. Virou-se para olhar o pomar que queimava no sul. “Quanto tempo têm essas fogueiras?”

“É provável que tenham começado na noite passada”, disse Murph.

“O.k., fiquem de olho nisso, você e Bartle.”

A coluna de fumaça entortada pelo vento endireitara e agora era uma linha negra e vertical no céu.

“O que eu estava dizendo antes?” O tenente olhou distraidamente por cima do ombro e levantou os olhos, devagar, por cima da mureta. “Que merda”, murmurou.

“Ei, deixe pra lá, tenente, já entendemos”, disse um especialista do segundo grupo de combate.

Sterling o interrompeu. “Cale a boca. O tenente vai falar até quando achar que deve.”

Eu não percebia na época, mas Sterling parecia saber exatamente até que ponto podia forçar a barra em cima do tenente e manter a disciplina. Não se importava se nós o detestássemos. Ele sabia o que era necessário. Sorriu para mim e seus dentes brancos e retos refletiram o sol da manhã. “O senhor estava dizendo que espera que eles estejam assustados demais para atirar em nós antes que...” O tenente abriu a boca para completar seu raciocínio, mas Sterling continuou: “Antes que a gente foda com esses hadjis de merda”.

O tenente assentiu com a cabeça, saiu abaixado de novo e desceu a escada. Rastejamos de volta a nossas posições para espe-

rar. Tinha começado um incêndio na cidade, mas o local exato estava escondido por paredes e becos. Uma densa fumaça preta parecia convergir de cem incêndios por toda Al Tafar, formando uma longa espiral em direção ao céu.

O sol se firmou atrás de nós, a leste, esquentando a gola da minha blusa, fazendo endurecer o sal que se juntava em linhas duras e sinuosas em torno de nossos braços e pescoço. Virei a cabeça e olhei diretamente para ele. Tive de fechar os olhos, mas tive tempo de divisar sua forma, um buraco branco na escuridão, antes de me virar de novo para o oeste e abri-los.

Dos prédios poeirentos subiam como braços dois minaretes, embora a fumaça de vez em quando os obscurecesse. Estavam silenciosos. Nenhum som vinha deles naquela manhã. Nenhum *adhan*, ou chamado à oração, tinha sido feito. A fila longa e sinuosa de refugiados que saía da cidade havia já quatro dias tornara-se mais vagarosa. Só alguns velhos, recurvados sobre bengalas de cedro desgastadas, se arrastavam entre o campo dos mortos e o pomar. Dois cachorros magros pulavam em torno deles, mordiscavam seus calcanhares, fugiam quando enxotados e logo voltavam a perturbá-los.

E começou tudo de novo. O uivo orquestral dos morteiros em queda vinha de todos os lados. Mesmo depois de tantos meses debaixo deles, a perplexidade parva se mantinha nos rostos do pelotão. Fitávamos uns aos outros boquiabertos, com os dedos apertados nos fuzis. Era uma manhã de setembro, céu claro em Al Tafar, e a guerra parecia concentrada em limites estreitos, como se só ocorresse naquele lugar, e eu me lembro de ter tido a sensação de saltar num rio gelado no primeiro dia quente da primavera, molhado, com medo e respirando forte, sem nada poder fazer senão nadar.

“Aí vem!”

Movíamo-nos automaticamente, os corpos prostrados, os

dedos entrelaçados atrás da cabeça, a boca aberta para equilibrar a pressão.

Em seguida, o som dos impactos ecoou na manhã. Não levantei a cabeça até que se dissipasse a última reverberação.

Olhei por cima da mureta devagar, e um rumor de vozes se levantou. “Acabou!” “Estou vivo!”

“Bartle?”, grunhiu Murph.

“Estou vivo, estou vivo”, respondi em voz baixa, e estava ofegante. Olhei por cima da mureta. Havia feridas na terra e nos corpos já mortos e maltratados, e alguns arbustos de zimbro estavam revirados onde as bombas tinham caído. Sterling correu até a abertura na laje e gritou para o tenente: “Todos bem, senhor”. Foi até cada um de nós, batendo na parte de trás de nossos capacetes. “Preparem-se, seus putos”, disse.

Eu o detestava. Odiava a maneira como ele se destacava na morte, na brutalidade e na dominação. Mais do que tudo, eu odiava o fato de que ele era necessário, o quanto eu precisava dele para me fazer agir, mesmo quando estavam tentando me matar, quando eu me sentia covarde, até ele gritar na minha orelha “Acabe com esses hadjis de merda!”. Eu detestava o amor que sentia por ele quando aos poucos eu me livrava do terror e devovia o fogo, vendo-o atirar também, sorrindo o tempo todo, gritando, toda a raiva e o ódio que havia naquela área exígua ganhando vida e se espalhando nele e através dele.

E eles vinham mesmo, escondidos por trás das janelas. Saíam detrás de tapetes de oração, disparavam rajadas, e as balas passavam como chicotes, e nós nos protegíamos, ouvindo-as se chocar contra o concreto e os tijolos, fragmentos voando em todas as direções. Corriam por becos cheios de lixo, passavam por fogueiras em tambores e por plásticos que se agitavam como muitas espinhentas sobre o calcamento antigo.

Nesse dia, Sterling gritou durante muito tempo antes que

eu apertasse o gatilho. Eu já estava quase surdo por causa da barulheira, e o primeiro projétil que disparei para o campo saiu do fuzil com um estalo chocho. Levantou uma nuvenzinha de poeira quando bateu no chão, cercado por muitas outras nuvenzinhas iguais.

Centenas de balas levantaram poeira do chão, de árvores e de prédios. Um carro velho dobrou-se e caiu no meio da poeira. De vez em quando, alguém corria entre os prédios, entre os carros brancos e laranja, pelas lajes, cercado de nuvenzinhas de poeira.

Um homem correu atrás de uma mureta baixa num pátio e olhou em torno, espantado por estar vivo, com a arma aninhada nos braços. Meu primeiro impulso foi gritar: “Você conseguiu, cara, vá em frente”, mas me dei conta de como seria esquisito dizer uma coisa dessas. Não demorou para que os outros também o vissem.

Ele olhou para a esquerda, depois para a direita, a poeira juntou-se em torno dele, e tive vontade de gritar para todos que parassem de atirar nele, de perguntar “Que tipo de homens somos nós?”. Uma sensação estranha tomou conta de mim, como se eu tivesse sido salvo, pois eu não era um homem, e sim um menino, e de que ele pudesse estar assustado, mas isso não me importava muito, porque eu estava assustado também, e compreendi, chocado, que eu estava atirando nele e que não ia parar até ter certeza de que ele estava morto, e me senti melhor por saber que nós o estávamos matando juntos e que era bom não ter certeza de quem o tinha matado.

Mas eu sabia. Eu atirei nele, acertei e ele caiu atrás da mureta. Um outro o baleou também, e o projétil atravessou seu peito e ricocheteou, quebrando um vaso de planta que pendia de uma janela sobre o pátio. E então ele foi atingido de novo, caiu numa posição estranha — para trás, sobre as pernas dobradas — e

a maior parte de um lado de sua cabeça tinha desaparecido, havia muito sangue que se juntava ao redor dele na poeira.

Um carro vinha em nossa direção pela estrada entre o pomar e o campo dos mortos. Dois grandes lençóis brancos se agitavam, presos nas janelas traseiras. Sterling correu para o outro lado do prédio, onde estava montada a metralhadora. Olhei pelo binóculo e avistei um velho ao volante e uma mulher idosa no banco traseiro.

Sterling riu. “Venham, seus putos.”

Ele não conseguiavê-los. Vou gritar, pensei. Vou dizer a ele que são velhos, que os deixem passar.

Entretanto, as balas furaram a estrada colapsada em torno do carro. Abriram buracos na lataria.

Eu nada disse. Acompanhei o carro pelo binóculo. A velha corria os dedos por uma fieira de contas pálidas. Tinha os olhos fechados.

Eu não conseguia respirar.

O carro parou no meio da estrada, mas Sterling não parou de atirar. As balas rasgavam o carro e saíam pelo outro lado. A luz se afunilava pelos buracos iluminando a fumaça e a poeira. A porta se abriu e a mulher caiu do carro velho. Tentou se arrastar para a beira da estrada. Rastejou. Seu sangue velho misturou-se à cinza e ao pó. Ela parou de se mexer.

“Putaria, aquela desgraçada foi morta”, disse Murph. Não havia pesar, angústia, alegria ou piedade na declaração. Não traduzia um julgamento. Ele estava somente surpreso, como se estivesse despertando de uma longa sesta, aturdido, percebendo que o mundo continuava a existir, ininterruptamente, apesar das coisas estranhas que talvez tivessem ocorrido enquanto ele dormia. Ele poderia ter dito que era um domingo, já que não sabíamos em

que dia da semana estávamos. E seria algo fortuito notar que era domingo numa época como aquela. Mas, de um modo ou de outro, ele disse a verdade, e não teria importado muito que aquele dia fosse um domingo, e fazia muito tempo que nenhum de nós dormia, nada daquilo pareceu mesmo ter muita importância.

Sterling sentou-se junto da parede, ao lado da metralhadora. Fez um gesto para que nos aproximássemos e tirou um pedaço de bolo inglês do bolso da calça cargo, enquanto ouvíamos os últimos estampidos do tiroteio nervoso que chegava ao fim. Ele quebrou o bolo seco em três pedaços. “Tomem”, disse. “Comam.”

A fumaça se elevava e começou a sumir. Olhei para a velha que sangrava na beira da estrada. A poeira se agitava em ondas lânguidas e começou a rodopiar de leve. Ouvimos mais tiros. Para além de um prédio, uma menina de cachos ruivos com um vestidinho esfarrapado saiu na direção da velha. Balas vindas de outras posições levantaram poeira seca em torno dela.

Olhamos para Sterling. Ele nos mandou sair com um gesto. “Alguém entre na rede e diga a esses merdas que é só uma criança”, falou.

A menina se protegeu atrás do prédio e depois saiu de novo, agora caminhando bem devagar em direção à velha. Tentou puxar o corpo e seu rosto se contorceu com o esforço, enquanto ela arrastava a velha pelo único braço inteiro que lhe restava. A menina descrevia círculos na poeira fina ao caminhar em torno do corpo. O trajeto que faziam ficou marcado com sangue: do carro fumegante e em chamas, através de um pátio cercado de jacintos, até o lugar onde a mulher jazia morta, cuidada pela menininha, que se balançava e movia os lábios, talvez entoando alguma elegia do deserto que eu não conseguia escutar.

A cinza da queima de tijolos de barro e a gordura de homens e mulheres magros cobriam tudo. Os minaretes pálidos dominavam a fumaça, e o céu estava ainda pálido como neve. A cidade

parecia querer se erguer da poeira. Nossa parte estava terminada, ao menos por enquanto. Era setembro, e embora houvesse poucas árvores que pudesse derrubar folhas, algumas delas caíam. Soltavam-se de galhos finos e machucados, golpeados pelo vento e pela luz que desciam dos morros ao norte. Tentei contar as folhas que caíam, arrancadas pelo impacto de morteiros e bombas. Elas se sacudiam. De cada uma delas subia um leve sopro de pó.

Olhei para Murph, Sterling e o restante do pelotão na laje. O tenente foi até cada um de nós e tocou em nossos braços, falando baixo, tentando nos acalmar com a voz, como alguém que falasse com cavalos assustados. Talvez nossos olhos estivessem úmidos e negros, talvez mostrássemos os dentes. “Bom trabalho”, “Você é bom”, “Vai ficar tudo bem”, ele disse. Era difícil acreditar que ficaríamos bem e que tínhamos lutado bem. Mas eu me lembro de alguém ter me dito que a verdade não depende de que acreditem nela.

O rádio voltou a emitir sons. Não demoraria para que o tenente nos desse outra missão. Estaríamos cansados quando chegassem a hora, mas cumpriríamos a missão porque não tínhamos alternativa. Talvez elas já houvessem existido no passado: alternativas, outros caminhos a seguir. Mas nosso rumo já estava definido, apesar de desconhecido. Já estaria escuro quando o conhecêssemos. Tínhamos sobrevivido, Murph e eu.

Hoje eu me esforcei muito para lembrar se percebi algum sinal do que estava por vir, se havia alguma sombra sobre Murph, alguma forma pela qual eu pudesse ter sabido que ele estava tão perto de ser morto. Nas minhas lembranças daqueles dias na laje, ele é meio fantasmagórico. Mas não vi nada então, nem poderia. Ninguém pode ver isso. Acho que fico satisfeita por não ter sabido, porque eu estava feliz naquela manhã em Al Tafar, em setembro. Nosso reforço estava a caminho. O dia estava claro e quente. Dormimos.